

Dhamma e Ciência – Prof. P. L. Dhar

O questionamento é uma das características fundamentais dos seres humanos. Desde o nascimento, uma criança desejará saber e compreender o mundo ao seu redor. À medida que a criança cresce, ele ou ela começará a compreender a relação de causa e efeito entre vários eventos: deslocar o interruptor para baixo acende uma luz, colocar um cubo de gelo em um copo com uma bebida a esfria, se colocar uma mão no fogo, irá queimá-la – e, nós dizemos, a criança está aprendendo, adquirindo conhecimento. A ciência é, essencialmente, uma sistematização de todo o conhecimento que a humanidade adquiriu sobre o mundo exterior, com a ajuda de nossos sentidos.

À medida que a criança chega à maturidade e experimenta as diversas vicissitudes da vida, cedo ou tarde, ele ou ela começará a questionar: “Qual o propósito disso tudo – nascer, estudar, ganhar a vida, ter filhos, sustentar uma família, ficar velho e, finalmente, morrer? Por que tanto sofrimento – causado pela doença, pela idade avançada, pela separação daqueles que amamos, pela associação com pessoas “más”? A pessoa começa a contemplar e a compreender sua própria natureza verdadeira, a real causa de seu sofrimento e o caminho para dele sair e, então, se tornará mais sábia. O Dhamma é essencialmente a sistematização de toda a sabedoria adquirida pela humanidade.

Visto desta forma, Dhamma e ciência emergem como dois aspectos complementares da aventura humana. Assim como o Isa-Upanishade postula, “Aquele que possui ambas as sabedorias, espiritual (Dhamma) e secular (ciência) ao mesmo tempo, mantém a morte à distância através do último e experimenta a imortalidade através do primeiro.”¹

A ciência (especialmente sua versão aplicada, a tecnologia) nos dá o necessário conhecimento para manter nosso corpo em boa forma; Dhamma nos provê com a compreensão do propósito da nossa existência, o “saber-onde”. Claramente, para o desenvolvimento harmonioso de qualquer sociedade – para o desenvolvimento harmonioso de qualquer indivíduo – uma correta integração da ciência com o Dhamma é essencial. Isto é especialmente crucial em tempos modernos, quando os avanços da ciência e da tecnologia nos investiram enormemente de poder. Entretanto, por uma falta de “sabedoria”, de Dhamma, este avanço na ciência está levando apenas a um aumento de nosso sofrimento: o envenenamento da terra, do ar, da água e de nossas mentes.

Malentendidos sobre o Dhamma

O termo “Dhamma” literalmente significa “lei da natureza”. Dhamma é, então, a exposição às leis relativas ao nosso mundo interior, assim como a ciência lida com as leis relativas ao mundo exterior. A diferença entre ciência e Dhamma é, por assim dizer, apenas uma diferença na esfera do questionamento – assim

como há diferenças entre os vários “campos” da ciência, tais como a física, a química e a botânica. Ainda assim, há a percepção de que ciência e o Dhamma são irreconciliáveis.

Muitos fatores são responsáveis por essa percepção, a primeira, e principal, sendo uma compreensão errônea tanto do Dhamma quanto da ciência. Hoje, para a maioria das pessoas, o Dhamma é sinônimo de religiões sectárias e de embuste sacerdotal; elas o veem como palavras desprovidas de sentido e como ritos e rituais elaborados que podem se tornar a causa de conflitos domésticos entre vizinhos, muito embora possam ter vivido como irmãos por gerações. Acima de tudo, o Dhamma se tornou sinônimo de uma resistência obstinada a qualquer exame lógico de crenças religiosas. Não é de se surpreender que a juventude de hoje se recuse a se envolver nesta situação em particular! Uma pessoa moderna e racional, sem disposição para receber seja o que for de forma autoritária – seja a autoridade de um professor religioso, seja a de um livro sagrado – será, portanto, tentada a frequentemente rejeitar tudo isso, e até mesmo as verdades eternas, tão necessárias para orientar a vida, serão rejeitadas, desse modo jogando fora o bebê junto com água do banho!

Tal processo é catalisado por um temperamento científico, que equivale ao materialismo obtuso – uma vez que a ciência tem ou não tem uma explicação para cada fenômeno com base na matéria em movimento sob a influência de várias forças? Consequentemente, qualquer um que fale sobre a existência da realidade além da percepção sensorial é normalmente chamado de não científico – um tolo ignorante vivendo no mundo gerado por suas próprias fantasias. Em tal cenário, a integração da ciência e do Dhamma é obviamente impossível.

Para mudar esta situação, há, claramente, a necessidade de apresentar o Dhamma como ciência, seguindo um método científico, isento de todo e qualquer acréscimo sócio-político desnecessário e de especulações metafísicas. Esta abordagem científica exige “indução a partir dos fatos e não dedução com base em dogmas. Precisamos encarar os fatos e tirar deles as conclusões e não começar com a conclusão e então jogar com os fatos.” **2** Em seguida, também precisamos compreender se o materialismo, o legado da ciência do século dezanove, ainda é validado pela ciência moderna. Por sorte, desenvolvimentos recentes na ciência estão questionando esta visão de mundo tradicional, e, dessa maneira, uma compreensão apropriada desses desenvolvimentos podem dar um impulso ao processo de integração da ciência e do Dhamma.

O Dhamma como uma Ciência Aplicada

A essência da abordagem científica foi caracterizada por Thomson: “O objetivo da ciência é o de descrever fatos impessoais da experiência em termos verificáveis da forma mais exata possível, da maneira mais simples possível e da maneira mais completa possível.” **3**

Para tornar-se uma ciência rigorosa, o Dhamma deve ser apresentado como “a Lei” passível de ser experimentada por todos, não apenas por alguns poucos eleitos. As diversas proposições precisam ser apresentadas como hipóteses a serem aceitas apenas após serem verificadas através da experiência, ainda que pessoal e subjetiva,* e não impositivamente. Também, tais proposições devem ser racionais e lógicas.

Os ensinamentos do Buda, um dos maiores cientistas espirituais, preenchem esses requisitos. O conselho que ele repetia constantemente aos seus discípulos poderia ser a recomendação de um humanitário cientista moderno aos seus jovens alunos:

Não acredite em nada apenas porque lhe foi dito ou porque é uma tradição ou porque você mesmo assim o imaginou. Não acredite naquilo que seu professor lhe diz meramente por respeito a ele. Mas, o que quer que seja que, depois de devidamente examinado e analisado, você avalie ser algo que conduza ao bem, ao benéfico, ao bem-estar de todos os seres, acredite e agarre-se a essa doutrina e tome-a como seu guia.

A essência do Dhamma, da forma sucinta como foi exposta por todos os Iluminados, é “evitar todo o mal, aperfeiçoar as boas ações, purificar nossa própria mente.” 4

A simplicidade desse enunciado, destituído de qualquer pronunciamento esotérico, pode, às vezes, velar a sua profundidade. Contudo, sua utilidade prática e aplicabilidade universal são bastante óbvias. Vista sob esta perspectiva, a purificação da mente de seus instintos básicos é a quintessência do Dhamma, dado que isso muito naturalmente levará à prática de ações saudáveis. Isto também leva ao desenvolvimento de uma compreensão súbita e profunda das características básicas da vida. Esse processo de purificação não é um conhecimento místico que está além da compreensão das pessoas comuns. É uma técnica estritamente científica disponível para qualquer um que esteja disposto a aprendê-la e a verificá-la.

Vipassana – A quintessência do Dhamma

O processo de purificação da mente é análogo àquele da limpeza das águas turvas de um lago. Duas abordagens são possíveis. Uma delas poderia usar um agente externo precipitador, tal como alumínio de potássio, que quimicamente força todas as impurezas a se assentarem no fundo do lago. Outra opção seria ir ao fundo do lago, identificar toda e qualquer impureza e de fato removê-las. Obviamente, o último processo está fadado a ser mais caótico e exigirá mais esforço, mas suas vantagens são bastante óbvias. Com o primeiro método, estamos apenas suprimindo as impurezas, mas elas continuam totalmente presentes lá no fundo. Uma tempestade grande ou uma agitação no lago pode trazê-las à tona novamente. Entretanto, com o último método, nós realmente as eliminamos e o lago permanecerá limpo, com a condição de que não adicionemos novas impurezas a ele. Os mestres antigos

reconheceram ambas as abordagens, ou seja, tanto a supressão quanto a eliminação das impurezas mentais.

Se desviarmos nossa atenção das impurezas à medida que e quando surgirem (por exemplo, ao escutar música ou ao tomar uma bebida ou ao entoar um nome “sagrado” ou através de alguma enlevada autossugestão), a intensidade destas emoções negativas diminuirá rapidamente e poderemos obter alívio imediato. Contudo, essas impurezas não serão, na verdade, erradicadas, mas apenas suprimidas. A psicologia moderna concorda que elas deixam suas impressões nos recantos profundos da mente, em suas camadas subconsciente e inconsciente.

Para remover as impurezas da mente, obviamente, é necessário identificá-las de modo objetivo e, acontece que essa “observação” desapegada da estrutura físico-mental, por si só, é suficiente para eliminá-las. Um incidente da vida do Swami Vivekananda ilustra esse ponto. Uma vez, quando ele andava em uma rua em Varanasi, alguns macacos começaram a persegui-lo. A princípio, Swamiji tentou correr deles, mas os macacos mantiveram seu ritmo e começaram a atacá-lo. Justo então um homem idoso gritou, “Encare os brutos.” Swamiji voltou-se e confrontou os macacos e, quando assim o fez, todos eles se retraíram e fugiram.

As impurezas da mente são como esses macacos e a única forma de erradicá-las é a de encará-las diretamente – observando-as sem reagir. Mas como iremos observar estas impurezas? Como alguém observa a raiva, por exemplo, sem, na verdade, se deixar dominar por ela?

Os antigos mestres, que desenredaram as complexidades do fenômeno corporeamente com penetrante compreensão súbita, descobriram um fato importante: “O que quer que surja na mente é acompanhado por uma sensação” (*sabbe dhamma vedana samosarana*). **5** Eles também descobriram que todas as nossas reações às situações variadas são, na realidade, reações da nossa mente inconsciente às sensações corporais. Agora, enquanto é muito difícil observar objetivamente emoções abstratas, como a raiva ou a paixão, é comparativamente fácil treinar a mente para observar sensações (que carregam o registro destas emoções) de uma forma desapegada. A prática contínua da observação imparcial destas sensações corporais é o ponto crucial da Meditação Vipassana. Gradualmente, mas certamente, elimina hábitos de toda uma vida – apegar-se a experiências prazerosas, evitar aquilo que é desagradável e ignorar as experiências neutras. Isto, então, aos poucos, vai levantando o véu, que obscurece para nós as características reais de todos os fenômenos corpo-mente: impermanência, ausência da insatisfação e inexistência do ego.

Para ser capaz de observar as sensações que acontecem continuamente em várias partes do corpo, um nível de concentração mínimo da mente é, obviamente, essencial para que não sejamos facilmente distraídos pelos ruídos externos e internos, que são uma característica típica de nossa vida moderna.

O treinamento para aumentar a concentração da mente pode ser feito de uma variedade de formas. Na Vipassana, o objeto de concentração é a própria respiração. Esta prática é chamada de Anapana, que, literalmente, significa inspiração e expiração. Ela envolve a mera observação da respiração normal, natural com a atenção firme e constante, livre de qualquer tensão. Novamente, não há mistério na escolha da respiração como objeto de concentração; existem razões sólidas para isto. Em primeiro lugar, a respiração é universalmente aceita, sendo não-sectária. Também, ela está disponível a qualquer momento e é um objeto neutro: ninguém possui qualquer apego ou aversão por ela. Concentrar a atenção em tal objeto continuamente por um longo período de tempo é, claro, um tanto ou quanto difícil, dado que a nossa disposição atual apenas busca prazer através de objetos agradáveis. Mas, um esforço sistemático e persistente permite uma gradual redução deste hábito teimoso.

Como resultado, recebemos uma amostra dos frutos da equanimidade – um sentimento natural de paz e de tranquilidade, acompanhado por uma mente mais aguçada. Podíamos ter escolhido um objeto de concentração pelo qual o meditador tenha alguma atração ou reverência. Isso poderia ter tornado a tarefa de se concentrar bem mais fácil, por causa da atração natural pelo objeto, mas, como é óbvio, teria somente reforçado o hábito mental de desejo e, assim, nos afastado do objetivo da purificação completa da mente.

Um pré-requisito óbvio para tal treinamento é a observância escrupulosa de preceitos morais básicos – em particular, a abstenção de matar, de roubar, do falso discurso, de conduta sexual inapropriada e de usar intoxicantes - uma vez que, qualquer violação deliberada destes preceitos causa uma violenta agitação mental, o que torna impossível a observação objetiva do complexo corpo-mente. Os praticantes de Vipassana podem, então, aprender pela experiência a importância da conduta moral para o seu próprio bem-estar. Desta forma, moralidade e ética se tornam uma disciplina científica, aceita com base na própria experiência e não devido a pressões sociais ou ao respeito por um professor. Este foi o desejo acalentado por Albert Einstein, um dos maiores cientistas de todos os tempos: “A base da moralidade não deveria se apoiar em um mito, nem mesmo ser amarrada a qualquer autoridade, sob risco de que quaisquer dúvidas sobre o mito ou sobre a legitimidade da autoridade colocará em perigo o fundamento de avaliações e de ações saudáveis”.

A partir da descrição das características básicas de Vipassana acima, torna-se aparente de que se trata de uma ciência aplicada, de uma tecnologia para desenvolvimento interior. No verdadeiro espírito científico, tudo o que importa é a observação consciente, livre de quaisquer misturas de preconceitos ou de julgamentos subjetivos. Tal qual qualquer outra tecnologia moderna, dispõe de uma fundamentação científica que pode ser facilmente compreendida; e o que é mais importante, seus resultados podem facilmente ser verificados pela experiência pessoal, aqui e agora. *Ehi passiko, ehi passiko* (venha e veja, venha e veja) era o frequente refrão do Buda. Não há qualquer ritual ou rito, dogma ou fé a priori necessários para se meditar. Tal qual qualquer outra habilidade tecnológica, pode ser aprendida pela prática sistemática independentemente de casta, credo, fé religiosa ou nacionalidade.

Embora seu objetivo mais importante seja o de purificar a mente das impurezas, Vipassana não é um mero detergente capaz de lavar a sujeira dos tecidos mentais para, então, ser deixada para trás no lavatório após seu uso. É uma atitude de vida, uma fragrância que naturalmente impregna os praticantes à medida que desenvolvem, cada vez mais, sabedoria sobre as características da existência humana. É uma arte de viver com equanimidade, apesar das derrotas e das vitórias, do elogio e da crítica, da saúde em declínio e da escalada dos preços. É a arte de transcender e não de suprimir as atrações sensoriais. À medida que a prática amadurecer, desenvolveremos automaticamente uma profunda sabedoria sobre as leis fundamentais da vida e nos tornaremos mais harmônicos com as mesmas. Tornar-nos-emos estabelecidos no Dhamma.

Ciência e materialismo

É fato histórico que a ascensão da ciência no período pós-renascentista foi fundamental para a disseminação de uma fé generalizada no materialismo – uma crença de que a matéria é a única realidade. Todos os fenômenos da natureza, que vão do movimento dos planetas até as marés oceânicas, podiam agora ser explicados racionalmente com base nas bem compreendidas leis da natureza. Não havia, de maneira alguma, qualquer necessidade de evocar a intervenção divina. Mesmo a origem dos seres sensientes podia ser “explicada” com base na teoria da evolução de Darwin.

Algumas pessoas tentaram estender tal teoria a fim de mostrar que a forma mais simples de um protoplasma vivo podia surgir de compostos não vivos de carbono nitrogenado sob condições apropriadas – desse modo implodindo o velho argumento sobre a existência de Deus. Tentativas foram inclusive empreendidas para explicar a consciência e o pensamento como decorrentes das funções das células gangliônicas do córtex cerebral. Os cientistas do século passado sustentaram firmemente que seria possível explicar o universo com alguns elementos fixos e meia dúzia de forças elementares.⁷ Não é surpresa que, para a maioria das pessoas de hoje em dia, a abordagem científica seja sinônimo de uma fé no materialismo, uma fé na onipotência do intelecto e que qualquer sugestão sobre “transcender o intelecto” seja vista como não científica.

Tal quadro sofreu, contudo, consideráveis mudanças nas últimas décadas. Novos desenvolvimentos na ciência, como a teoria da relatividade e a mecânica quântica, estão trazendo à tona uma profunda mudança na apreensão de que o senso comum tem da vida. Muitos livros esclarecedores foram escritos ao longo das últimas duas décadas, iluminando diversas facetas desta mudança emergente. Vale mencionar aqui somente alguns poucos destes pontos que parecem mais pertinentes para a nossa discussão.

Natureza fundamental da matéria

A busca pelos blocos básicos de construção da matéria levou os cientistas ao que são comumente chamadas de partículas fundamentais: elétrons, prótons,

nêutrons, etc. O modelo intuitivo do átomo que emerge desta pesquisa é similar ao sistema planetário – com um núcleo pesado (constituído de nêutrons e de prótons) no centro de um imenso vazio, e minúsculos elétrons girando em torno dele em velocidade muito alta. Naturalmente, de início, tais partículas fundamentais foram consideradas algo semelhante às partículas clássicas, embora ultrapequenas – algo parecido com fragmentos de poeira geralmente vistos na trajetória de um raio de sol ao adentrar um cômodo. A crença neste conceito foi, no entanto, profundamente abalada por uma série de descobertas. Estudos experimentais mostraram que tais partículas podiam ser “criadas” a partir da energia e podiam “desaparecer” em energia, tal qual previsto pela teoria da inconvertibilidade da matéria e da energia de Einstein.

Agora, tendo em vista que a energia é uma quantidade dinâmica associada à atividade ou aos processos, a implicação óbvia é a de que “uma partícula tem de ser concebida como um padrão dinâmico, um processo envolvendo a energia que se manifesta como a massa da partícula. **8** Esta é uma representação que está em grande contraste com a nossa noção de senso comum de “massa” como parte integrante de um objeto, mas em consonância com a sabedoria dos mestres antigos: “Nenhum criador está presente, nenhuma ação está presente... a trilha existe, mas nenhum viajante pode ser nela encontrado.” **9**

Provavelmente a comunidade científica levará muitos anos mais para compreender as implicações filosóficas da teoria da relatividade de Einstein. Mesmo hoje em dia, a frequentemente mencionada citação de Minkowski: “O espaço por si só, e o tempo por si só, são meras sombras de um continuum de espaço e tempo quadridimensional, que constitui uma realidade independente.” **10** Não compreendemos, pois não podemos sentir isto diretamente ou sequer ter a experiência intuitiva deste continuum espaço tempo quadridimensional. Evidentemente, nossa percepção do mundo baseada na visão do senso comum de espaço e de tempo é um equívoco. A situação é bastante similar à visão equivocada dos prisioneiros da República de Platão, que, sem ter jamais visto qualquer coisa além das sombras nas paredes de sua caverna subterrânea, assumiram que isso fosse a realidade. **10**

Uma experiência desta realidade independente naturalmente exigiria a transcendência dos sentidos, abandonando a “prisão da visão”. Este é um termo que encontramos reiteradas vezes nos textos antigos, mas algo que poderia ter sido anátema para os cientistas do século XIX. Como postulado por Fritjof Capra, citando Swami Vivekananda, este espaço tempo da física relativista é o absoluto dos sábios do Oriente: “Tempo, espaço e causação são como o vidro através do qual o absoluto pode ser visto. No absoluto não existe nem tempo nem espaço nem causação.” **11** Esta concepção concede, assim, autoridade científica (provavelmente necessária para os céticos) à visão dos sábios antigos. Tendo experimentado a realidade transcendente diretamente, declararam: “Há algo, meus irmãos, que não nasceu, não veio a ser, não foi gerado, não composto.” **12**

Compreendendo a “realidade”

Outra característica destas partículas fundamentais que desafia a nossa compreensão, que tem desafiado todas as explicações convencionais, é a sua capacidade de exibir tanto o comportamento “onda” quanto o comportamento “partícula” sob certas condições experimentais.

As partículas fundamentais, assim, não parecem possuir qualquer natureza intrínseca à espera de ser revelada para um observador curioso. Tal qual resumido por Capra:

Minha decisão consciente sobre qual a maneira de observar, digamos, um elétron, determinará as propriedades do elétron até certo ponto. Se lhe formular uma pergunta (relativa à sua natureza de) partícula, me será dada uma resposta relativa à partícula. Se lhe formular uma pergunta (relativa à sua natureza de) onda, me será dada uma resposta onda. O elétron não possui propriedades objetivas independentes da minha mente.

Podíamos, assim, dizer, juntamente com Sir James Jeans, que, à luz desta descoberta,

O Universo começa a se parecer mais com um grande pensamento do que com uma grande máquina. A mente não mais parece uma intrusa no reino da matéria... mas... parece ser quem cria e governa o reino da matéria – obviamente não a nossa mente individual, mas a Mente onde os átomos, dos quais saíram as nossas mentes individuais, existem como pensamentos.

Qualquer compreensão ulterior da natureza da realidade suprema naturalmente exigirá uma investigação do plano mental sutil – autoanálise em vez da análise do mundo à volta, fundindo, assim, a ciência e o Dhamma.

Fica também evidente, a partir da descrição acima, não ser possível um modelo físico intuitivo destas partículas fundamentais, uma vez que nossos sentidos são capazes de detectar apenas ou o movimento da partícula, caracterizado pela localização do objeto se movendo em uma trajetória definida no espaço, ou um movimento de onda, caracterizado por um movimento do meio. Esta realização forma a base de um dos princípios mais importantes da mecânica quântica: o Princípio da Complementaridade desenvolvido por Niels Bohr. Ou seja, em qualquer experimento com micropartículas, o observador obtém informação não sobre as “propriedades das partículas em si”, mas sobre as propriedades das partículas associadas a alguma situação específica. Isto inclui, entre outras coisas, os instrumentos de medição. A informação obtida sob determinadas circunstâncias deve ser considerada como complementar à informação obtida sob diferentes condições experimentais. A evidência obtida sob condições experimentais não poderá ser compreendida sob um único aspecto, mas deverá ser considerada como representando diferentes ângulos (complementares uns aos outros) de uma única realidade - ou seja, do objeto sob investigação. **15**

As implicações sociais e filosóficas deste princípio são profundas. Confirma a sabedoria dos antigos mestres de que nossas tentativas para compreender, com os sentidos, a “realidade” através do estudo da matéria, são similares às

tentativas dos cinco homens cegos que tentam compreender um elefante ao apalpá-lo com suas mãos. A evidência, assim obtida, jamais poderá ser sintetizada em imagem verdadeira. Claramente, decorre daí que para compreender a “realidade” da matéria, torna-se necessário usar algum outro modo de obter conhecimento - *aparokḥEanubhuti* ou experiência direta, tal qual postulado pelos sábios antigos.

No nível social, este princípio complementar mostra que visões aparentemente contraditórias podem emergir da mesma “realidade”. A sabedoria jaz em tratá-las como complementares. Esta é uma mensagem de harmonia tão necessária na vida moderna, quando as “aparências” frequentemente conduzem a conflitos intermináveis. De fato, Bohr acalentou com fervor a esperança de que o princípio complementar pudesse, em um futuro próximo, encontrar um lugar na educação escolar.

Uma nova visão de mundo

Tem havido muitos progressos em outras ciências, tais como a biologia, a psicologia, a química, a neurociência, etc. Todas elas indicam o surgimento de uma nova visão de mundo que repudia o materialismo, mas que estaria em consonância com a visão dos sábios orientais de antigamente. Na realidade, muitas das descobertas destes sábios permaneceram incompreensíveis às massas, baseadas como estavam na experiência transcendental. Mas, hoje em dia, podem ser melhor apreciadas à luz destes fatos científicos.

Uma dessas descobertas fundamentais, que é extremamente difícil de entender com base na apreensão que o nosso senso tem da natureza, é a realidade de *anatta* – o fato da inexistência de ego. No entanto, quando a ciência moderna nos diz que a pedra fundamental da edificação da matéria não é um “ser”, mas uma manifestação da energia, que é essencialmente um processo de “vir a ser”, tal assertiva parece fazer sentido. É este corpo físico aparentemente sólido, “meu corpo”, que cria a ilusão teimosa da individualidade. Os biólogos modernos apontam que 98% dos 1028 átomos de um corpo humano padrão são substituídos anualmente pelos átomos circunvizinhos – da terra, das árvores, dos animais, de fato, de todos os seres vivos e as entidades não vivas. Fica, assim, evidente que não podemos falar de entidades individuais localizadas no espaço e no tempo: somos todos parceiros em uma biodança. **16** A profunda compreensão poética de Walt Whitman – “Todo átomo que a mim pertence, também pertence a ti ” – é, assim, um fato científico!

A biologia molecular associa nossa individualidade à singularidade dos gens. Mas aqui também, é o padrão dos gens que permanece o mesmo e não a composição dos gens – os milhares de moléculas individuais de carbono, de hidrogênio, de oxigênio e de outros átomos que os integram, que estão em constante interação com seu entorno. **16** Portanto, mesmo na visão da biologia molecular tradicional, nossa individualidade é uma “entidade” não material, um padrão abstrato de arranjos de várias moléculas instáveis. Quando associamos esta compreensão à impossibilidade de localizar “exatamente” qualquer partícula fundamental, tal qual revelado pelo Princípio da Incerteza de

Heisenberg, e também à interconexão fundamental no nível quântico, somos forçados a concordar com Capra:

O campo quântico é visto como a entidade física fundamental; um meio contínuo que está presente em toda a parte no espaço. Partículas são meramente condensações locais do campo; concentrações que vêm e vão, perdendo, por meio disto, sua característica individual e se dissolvendo no campo subjacente.

Tal campo quântico é obviamente uma entidade impessoal – o símbolo mais próximo que somos capazes de conceber para representar a realidade transcendente. Tal qual até um leigo de hoje em dia poderia testemunhar, um subconjunto deste campo – o campo eletromagnético – possui o “poder” de produzir a esplêndida ilusão de um “ser vivo” em cada lar – pela televisão. Podemos, assim, apreciar que o campo quântico fundamental seria responsável pela criação da ilusão da existência também de quem assiste à televisão. O fato de este observador ser ilusório é a compreensão súbita de *anatta*.

Conclusões finais

Tanto o Dhamma quanto a ciência enunciam as leis da natureza, como aplicáveis ao mundo interior dos seres humanos e ao mundo exterior. Não pode haver qualquer desarmonia entre ambos, pois, como Gary Zukav explica em seu livro recente,

[As leis da ciência] são o reflexo, na realidade física – no mundo dos objetos e dos fenômenos físicos – de uma dinâmica não física mais extensa em ação no reino não físico. Quando a ciência e suas descobertas forem compreendidas com a ordem superior da lógica e a compreensão da multisensorialidade humana,* revelarão a mesma riqueza que a Vida em si exhibe em toda a parte e infinitamente... os paradigmas... da ciência igualmente revelam a maneira por intermédio da qual a nossa espécie se vê a si própria com relação ao Universo. A física de Newton reflete uma espécie que confia em sua capacidade de apreender a dinâmica do mundo físico através do intelecto; a relatividade reflete uma espécie que compreende o relacionamento limitado entre o absoluto e a concepção personalizada do mesmo; e a física quântica reflete uma espécie que se está tornando consciente do relacionamento entre a sua consciência e o mundo físico. **18**

Não seria, assim, um exagero dizer que para uma compreensão mais profunda da ciência moderna, é necessário desenvolvermos alguma sabedoria intuitiva. Isto poderá nos tornar aptos a ter experiências mais enriquecedoras do que aquelas possíveis com os cinco sentidos básicos. Claramente, o processo de evolução de semelhante personalidade multisensorial poderá ser apressado ao vivermos uma vida consoante as Leis Universais, o Dhamma – ou seja, ao praticarmos Vipassana.

A complementaridade entre a ciência e o Dhamma pode ser sucintamente colocada parafraseando a bela epigrama de Albert Einstein: Ciência sem

Dhamma é cega e Dhamma sem ciência é capenga – uma vez que o Dhamma nos dá a visão do que deve ser feito e a ciência nos dá o poder de fazê-lo. **19** Os progressos da ciência desencadearam enormes poderes – mas o poder pode gerar tanto o bem quanto o mal. Atualmente, existe uma necessidade premente de canalizar tal poder a fim de garantir a própria sobrevivência da humanidade, uma vez que, do contrário, o homem acabará destruindo a si mesmo por fazer mau uso deste mesmo poder. O que temos de fazer é reorientar nossas vidas sob a luz da quintessência do Dhamma, ao praticarmos a moralidade (*sila*), adestrando os sentidos pela prática da concentração (*samadhi*) e progressivamente purificar a mente pela prática de Vipassana.

Referências

1. Dhar, P.L. and R.R. Gaur. Science and Humanism—Towards a Unified World View, Commonwealth publishers, New Delhi, 1992, p. 128.
2. Radhakrishnan, S. An Idealist View of Life, George Allen and Unwin (India), Bombay, 1976, p. 13.
3. Thomson, J.A. Introduction to Science, Henry Holt & Company, New York, 1911.
4. Radhakrishnan, S. The Dhammapada, Oxford University Press, London, 1950, verso 183.
5. Hart, William The Art of Living, Vipassana Research Institute, Igatpuri, 1993, p. 148.
6. Budhananda, Swami Can One be Scientific and yet Spiritual?, Advaita Ashram, Calcutta, 1976, p. 43.
7. Nirvedananda, Swami Religion and Modern Doubts, Ramakrishna Mission, Calcutta, 1979, p. 27.
8. Dhar, P.L. and R.R. Gaur, op. cit., p. 77.
9. Warren, H. C. Buddhism in Translations, Motilal Banarasi Das Publishers, New Delhi, 1986, p. 146.
10. Minkowski, H., quoted in Rydnic, V., ABC of Quantum Mechanics, Mir Publishers, Moscow, 1965, p. 175.
11. Capra, F. The Tao of Physics, Fontana, Collins, 1976, p. 186.
12. Ranganathananda, Swami Eternal Values for a Changing Society, Vol. 2, Bhartiya Vidya Bhavan, 1987.
13. Capra, F., op. cit. p. 77.
14. Jeans, James citado em in Nirvedanada, Swami, op cit., p. 37

15. Neils Bohr citado em Tarasov, L.V., Basic Concepts of Quantum Mechanics, Mir Publishers, Moscow, 1980, p. 152.

16. Dossey, L. Space, Time and Medicine, Shambhala Publications, 1982, p. 72-73.

17. Capra, F., citado em above, p. 80.

18. Zukav, G. The Seat of the Soul, Rider, London, 1990, p. 67.

19. Einstein, A. quoted in Budhananda, S., Can One be Scientific and yet Spiritual, Advaita Ashram, Calcutta, 1976, p. 31.